

17-03-2020

CIDADANIA 50% OFF (e as milícias norte-americanas)

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Advertência textual: qualquer semelhança dos eventos citados abaixo (não) é mera coincidência.

O êxtase do projeto de cidadania da classe média brasileira é ver, cheirar, comer e ouvir o *modus operandi* do mundo rico. O retorno é um *milk shake* de sentimentos, não adianta mais chupar o canudinho porque o doce sonho acabou.

Os recém-chegados são facilmente identificados: natalinos, cheios de penduricalhos e aromatizados de *Calvin Klein*.

Os elogios resvalam entre as ruas limpas e as liquidações de utensílios supérfluos. A cidadania vem em 50% off.

A cereja do bolo, que consagra sua entrada na classe média, é a posse de um passaporte. Algumas carimbadas fazem o rito de passagem, agora, você é um iniciado. Voar, talvez, seja uma grande metáfora da ascensão social, ganhar altitude é, sobretudo, sinônimo de subir na vida. Em tom de conselho, vale ressaltar que viajar é verbo que se conjuga no futuro com data marcada, ou no passado recente. Se os círculos sociais, dos amigos viajantes, perceberem que suas histórias desbotam, isso denunciará fissuras no seu sucesso econômico. Ter um visto norte-americano é praticamente ter encontrado a salvação em vida: sorria porque você foi escolhido para viver entre os escolhidos.

Os brasileiros vão às compras, munidos de alguns dólares escondidos numa sacolinha amarrada entre a calça e a cueca, tão alegres com as promoções que rapidamente se reconhecem. O consumo fácil, o gozo coletivo do fetiche, faz os sujeitos esquecerem completamente as mazelas cristalizadas pelo capitalismo. Essas bondosas almas não podem sofrer com a fome e com o desemprego, afinal, isso é o fracasso alheio, elas devem, sim, saborear a sobremesa do mérito. Mas, nem só de chantili vive um viajante emergente nos Estados Unidos. Se você passeia por um *outlet*, ou praça, e vê um pequeno grupo de jovens de bochechas bem rosadinhas e cara enfezada, vestido de roupas militares e armados até os dentes, em tom de alerta, não vá fazer uma *selfie*: ele não faz parte da decoração local e nem saiu de um projeto cinematográfico. Não precisa, também, correr, com medo de uma guerra ou invasão, os conflitos norte-americanos são travados longe.

Esses pouco receptivos jovens pertencem à milícia.

Sim, a pátria do republicanismo presidencialista possui forças paramilitares. De acordo, com Manuel Castells, no livro *Poder da Identidade*, 440 milícias estão espalhadas por todo território estadunidense, quase todas armadas e mais de 20 estados norte-americanos possuem campos para treinamento paramilitar.

Essas facções dão corpo ao movimento dos Patriotas, contudo, não formam um bloco monolítico e homogêneo.

Elas têm pautas díspares, estas que transitam entre ações supremacistas (branca), como a *Ku Klux Klan*, até aquelas que se opõem às pautas ambientalistas, como as que estão localizadas no meio oeste. Apela para o costume e a cultura nacional e ignoram a autoridade federal.

Contudo, o fio condutor do movimento das milícias norte-americanas é a rejeição à nova ordem global. Ou seja, a cara enfezada, citada acima, é para você - viajante ou imigrante do mundo pobre -. O movimento dos Patriotas ganhou fôlego após a assinatura do NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio). Em 1995, a explosão de um caminhão de fertilizantes, em Oklahoma City, que mandou para os ares um edifício do governo federal e matou mais de 169 pessoas, foi a resposta dessa subcorrente política para a assinatura daquele tratado.

Este é um reflexo do incômodo que esses sujeitos manifestam, com a chegada dos imigrantes mexicanos e a saída das indústrias norte-americanas. Duas frentes dessas facções que estão em franca expansão são a de Movimento em Defesa dos Direitos dos Condados e a dos tribunais de “Justiça Comum”. A luta é para que as legislações dos municípios e condados fiquem mais autônomas em relação ao governo federal. A internet, os canais abertos de televisão de base ideológica evangélica e as rádios são as estratégias milicianas mais fecundas. Geralmente, as milícias, que têm sedes clandestinas, mas não são qualificadas como terroristas, possuem *sites* que difundem notícias falsas e mensagens conspiratórias.

O terror ideológico da espionagem e do comunismo engrossam o caldo desse movimento. Nas bandeiras das milícias (por favor, releia a primeira frase deste texto): a defesa dos indivíduos e da família, recusa dos pagamentos de impostos federais, desobediência às normas ambientais, aumento no calibre das armas, o movimento anti-aborto e censura aos livros considerados anticristãos.

Os *slogans* “Homem Branco Revoltado” e “Armas e Bíblia” são exemplos de reação aos movimentos feministas, homossexuais, às minorias étnicas e defendem o fundamentalismo religioso cristão. Os filmes dos [Irmãos Coen](#) são, para mim, obras-primas para descortinar a sociedade norte-americana. As tramas são ancoradas em ambientes de classe média, a narrativa se desenvolve entre personagens idiotas e psicopatas sádicos. Entre Trump e um cidadão médio norte-americano, há muitos desses dois elementos fictícios: uma ligação quase indissociável.

Numa simbiose existencial, a classe média brasileira trouxe nas malas mais que eletrônicos e tênis de marca.

A bagagem emergente veio abarrotada de avaliações já traduzidas em cenário cinematográfico bege pastel.

Tomem cuidado, aquele tênis Nike importado pode ser a mesma forma de um coturno nacional. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.